

Natalia Czopek

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

EXPRESSÃO DE CONCESSÃO
NAS LÍNGUAS ESPANHOLA
E PORTUGUESA POR MEIO
DAS FORMAS DO *SUBJUNTIVO*
/CONJUNTIVO – ESTUDO
CONTRASTIVO

A função principal das orações concessivas é expressão de um contraste ou uma contradição ao cumprimento da ação referida na oração principal que, todavia, não impede a sua realização. Assim, o falante afirma que uma ação chegou ou pode chegar a realizar-se apesar dos obstáculos, sejam estes reais ou hipotéticos. Tomando em consideração que nem todas as orações expressam ações com um agente referido, pode-se também afirmar que “as orações concessivas exprimem um conteúdo semântico que contrasta com aquilo que, dado o nosso conhecimento do mundo, se esperaria a partir do conteúdo semântico da proposição com a qual se combina.”¹

O trabalho tem como base um corpus constituído por 46 revistas espanholas e portuguesas. Escolhemos este tipo de base por considerar que a linguagem utilizada nos pode fornecer exemplos muito diversificados e que o seu estilo é mais livre do que o cuidadoso estilo literário. Quanto à linguagem falada, ser-nos-ia bastante difícil recolher grande número de exemplos de natureza diferente e, por conseguinte, optamos pela imprensa. Todas as revistas que aproveitámos pertencem à mesma categoria, isto é, são revistas de reportagem editadas nos anos 1997–2007. Dos exemplos referidos escolhemos as orações que se podiam revelar mais polémicas quanto ao emprego das formas modais (285 para o espanhol e 293 para o português) criando questionários preenchidos posteriormente por falantes nativos. As orações apareceram privadas do contexto para incentivar as pessoas a utilizarem todas as formas modais que considerassem como possíveis. Assim, obtivemos várias propostas modais para o mesmo exemplo. Todas as divergências foram discutidas com as pessoas questionadas que foram pedidas para explicarem as características modais introduzidas pela forma modal selecionada.

¹ Mira Mateus M. H. [et.al.], 2006, *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho, p. 718. As autoras distinguem aqui três tipos de concessivas: factuais, hipotéticas e contrafactuais. Cf. também as definições das concessivas factuais citadas no mesmo sítio: “[...] exprime-se a ocorrência/existência de uma situação inesperada relativamente a outra, tendo em conta o nosso conhecimento ou a nossa percepção do curso normal dos acontecimentos no(s) mundo(s) que nos são acessíveis” e “[...] a ocorrência/existência de uma situação que não é conforme às expectativas de um dado indivíduo sobre o curso previsível/desejável dos acontecimentos.”

1. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE CONSTRUÇÕES REDUPLICATIVAS E DISJUNTIVAS NA LÍNGUA ESPANHOLA

Entre os meios de expressão de concessão encontram-se construções reduplicativas nas quais a forma verbal é repetida, estando as duas formas unidas por meio de um pronome ou advérbio relativo. As formas verbais repetidas podem ser iguais ou diferentes. Uma das características mais importantes destas orações é que a situação referida pelas duas formas verbais não impede a realização da ação principal, o que acontece nos primeiros exemplos do seguinte grupo:

1. *La creación del World Wide Web [...] en 1990 posibilitó el intercambio de información, fuera cual fuera su sistema operativo. (MI 306: 176)*
2. *Es muy grave, sin embargo, que de manera creciente las presiones mediáticas, **vengan de donde vengan**, siempre sean por la duda imparcialidad y legitimidad de Poder Judicial de la Federación. (Vér 189: 45)*
3. ***Querámoslo** o no, la vida de Jesús, tal y como nos ha llegado, es totalmente sobrenatural [...]. (MH 4: 8)*
4. *Lo **creyera** o no Alejandro, no dejó de utilizar la afirmación con fines políticos. (MI 306: 134)*
5. *La visión del mundo que tiene un español, **sea** musulmán, judío o cristiano, no es la misma que la que puede tener, por ejemplo, un alemán o aún un italiano de la época. (MH 5: 76)*
6. ***Llámese** hibernación, tolerancia a la congelación, quiescencia, criptobiosis o sueño profundo, muchos mamíferos, anfibios, insectos y peces se saben el truco de memoria [...]. (MI 299: 44)*
7. *Así, los usuarios pueden "moverse" por el entorno, ya **sea** una casa en venta o un parque, como si estuvieran allí en persona. (MI 301: 106)*
8. *Se haría famosa la "manía" que tenía la reina de guardar cada retal sobrante cuando se confeccionaban los ropajes de familia, ya **fuesen** de gala o simples atuendos caseros. (MH 5: 29)*

Os exemplos acima citados demonstram que o modo utilizado neste tipo de construções é o conjuntivo. A escolha das formas depende, entre outros, da referência temporal. Assim, na maioria dos casos, o pretérito mais-que-perfeito e o imperfeito do conjuntivo empregam-se em relação ao passado no exemplo (1) e o presente do conjuntivo em relação ao presente e ao futuro, como acontece no exemplo (2).

Entre os nossos exemplos, podemos distinguir também as construções que se caracterizam pelo emprego das conjunções disjuntivas como nexos que unem um verbo e a repetição deste acompanhada por uma negação. No corpus encontramos apenas alguns exemplos de eliminação da forma repetida, que, no entanto, permanece implícita no enunciado, como nos casos (3) e (4). Assim, o enunciado (3), por exemplo, é equivalente a:

9. ***Querámoslo** o no lo **queramos**, la vida de Jesús, tal y como nos ha llegado, es totalmente sobrenatural [...]. (FN)*

e interpretado como todos os exemplos anteriormente citados.

Além dos exemplos que acabamos de referir, encontram-se também frases nas quais a disjunção concerne o sujeito ou os complementos. Neste caso, as construções deixam de ser reduplicativas mesmo que o verbo implícito seja o mesmo. Todavia, a ideia expressa na frase permanece igual, ou seja, as circunstâncias referidas não impedem que a ação se realize. Assim, o falante exclui situações hipotéticas nas quais os obstáculos referidos fariam com que a ação principal não se realizasse. Para este fim, usa as formas do conjuntivo.

Aqui cabem também as orações com a preposição disjuntiva *ya*. Nos exemplos que encontramos, os verbos, como no caso das frases (7)–(8), por serem iguais, foram omitidos. A ideia que o falante pretende exprimir, no entanto, permanece inalterada.

Vale a pena realçarmos ainda que as construções reduplicativas são as únicas construções na língua espanhola moderna nas quais aparece o futuro do conjuntivo. No nosso corpus encontramos apenas três exemplos deste uso:

10. [...] *cuando preparaba una empresa nueva, sabía crear previamente el adecuado estado de opinión para que, una vez que se hacía pública y sea como fuere, todos dijese que el rey sólo cumplía con su obligación.* (MH 5: 28)
11. **Sea como fuere**, con la llegada de color los artistas plásticos se dieron cuenta de que la fotografía permitía ver cosas que el ojo humano no percibía. (MI 290: 99)
12. **Sea cual fuere** la incidencia real de la violencia en la vida cotidiana de la frontera, lo que está claro es que no obedeció a una causa única sino que fue producto de un conjunto de factores que actuaron simultáneamente. (MH 6: 39)

Em todo o caso, porém, o falante informa-nos que a ação principal se vai realizar apesar dos possíveis obstáculos que se encontram em posição periférica em relação à informação principal que se transmite.

Comparando os exemplos acima citados com os questionários completados por falantes nativos, encontramos algumas diferenças que podem ser interpretadas, na maioria dos casos, como resultados de outras referências temporais. Este fenómeno pode ser visto nos seguintes exemplos:

13. *La creación del World Wide Web [...] en 1990 posibilitó el intercambio de información, sea cual fuere / fuera su sistema operativo.* (Q1), (Q2)
14. *Es muy grave, sin embargo, que de manera creciente las presiones mediáticas, vengan de donde vinieren, siempre sean por la duda imparcialidad y legitimidad de Poder Judicial de la Federación.* (Q1), (Q2)
15. **Sea como fuese / sea**, con la llegada de color los artistas plásticos se dieron cuenta de que la fotografía permitía ver cosas que el ojo humano no percibía. (Q1), (Q3)
16. *Se haría famosa la “manía” que tenía la reina de guardar cada retal sobrante cuando se confeccionaban los ropajes de familia, ya sea de gala o simples atuendos caseros.* (Q1)

Notamos, então, que os questionados nem sempre empregam o imperfeito do conjuntivo nas frases que se referem ao passado – exemplo (13) – o que provoca um certo caos temporal e é considerado uma incorreção linguística. Também é frequente juntarem o imperfeito do conjuntivo com o presente do conjuntivo numa construção reduplicativa – (13) e (15) – o que às vezes resulta no aparecimento de conjuntos estranhos como *sea como fuese*.

Mais um facto que chama a nossa atenção é a substituição das formas do conjuntivo pelas do indicativo, o que aconteceu no seguinte caso considerado normalmente como incorreção gramatical:

17. *Es muy grave, sin embargo, que de manera creciente las presiones mediáticas, **vienen de donde vienen**, siempre sean por la duda imparcialidad y legitimidad de Poder Judicial de la Federación.* (Q3)

Como se pode ver, então, as orações reduplicativas e disjuntivas podem parecer pouco problemáticas quanto ao emprego dos modos. O locutor, normalmente, menciona obstáculos inventados ou possíveis que, por conseguinte, não se expressam no indicativo. No entanto, nos questionários aparecem também algumas formas do indicativo. Todavia, neste caso, o significado do enunciado fica alterado e, muitas vezes, privado do sentido esperado.

2. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE CONJUNTOS PARTÍCULA CONCESSIVA + INDICATIVO / CONJUNTIVO NA LÍNGUA ESPANHOLA

Passando a outros meios de expressão de concessão, temos de analisar as orações subordinadas nas quais aparecem partículas concessivas como *aunque*, *a pesar de*, *pese a*, *aun*, etc. A ideia geral expressa nestas orações é a mesma – de um obstáculo que não impede o cumprimento da ação – mas a escolha modal é mais livre e depende de diversos factores. O grupo mais numeroso de exemplos encontrados no corpus é constituído por enunciados com a partícula concessiva *aunque* que parece ser a mais frequente. Vejamos alguns exemplos:

18. *Los cristianos nuevos buscaron acomodo en una sociedad dominada por el casticismo de los cristianos viejos, aunque no siempre lo **consiguieron** ante la obsesiva insistencia sobre la limpieza de sangre.* (MH 5: 7)
19. *Aunque no **fue** una obra de Castilla y Aragón, tuvo mucho de europea [...].* (MH 5: 24)
20. *El Gran Capitán obtuvo así la primera de sus grandes victorias, aunque no **sería** la última.* (MH 5: 36)
21. *El Islam cree que los judíos no mataron realmente a Jesús, aunque **fuera** crucificado.* (MH 4: 80)
22. *Esa intervención exterior pronto adquirió un carácter condal propio, aunque no pocos de sus primeros prohombres **fuera**n de origen francés o alemán.* (MH 5: 44)
23. *El juego de la pelota sigue siendo muy popular, aunque a veces **puede** llegar a resultar peligroso.* (MH 5: 52)
24. *Aunque a Louis le **hubiera gustado** llevarlo en persona, aceptó que fuera Mary, la descubridora, quien llevase en sus rodillas al Procónsul en una caja.* (MI 306: 128)
25. *Al principio, el usuario tipo de estos servicios se identificaba con el estudiante mochilero que sólo buscaba billetes baratos para viajar hacia algún lugar lejano, aunque **tuviera que** hacerlo en posición fetal [...].* (MI 301: 155)
26. *Hoy el reducto de estas semillas autóctonas son los pequeños huertos familiares, aunque **hay** organizaciones dispuestas a que no se pierda esta biodiversidad.* (MI 299: 124)
27. *Lo habitual es que consuman varias especies de presas, aunque **tengan** una preferida [...].* (MI 299: 28)

Como se pode ver, as orações concessivas com a partícula *aunque* admitem tanto o indicativo como o conjuntivo. No entanto, a escolha modal leva consigo uma mudança de significado. Costuma-se dizer que o indicativo se emprega quando o locutor quer transmitir uma informação comprovada e que objectivamente ou de acordo com a sua opinião subjetiva é verdadeira. Ao mesmo tempo, o interlocutor desconhece a dita informação que lhe é subministrada no processo de comunicação. Esta interpretação do uso do indicativo pode ser comprovada pelos exemplos acima citados e foi confirmada pelos questionados.

Facilmente se consta que a razão do emprego do indicativo pode ser o facto de todos os nossos exemplos terem sido encontrados nas revistas cujo objetivo é, precisamente, informar os leitores sobre acontecimentos verdadeiros ou factos comprovados que eles, supostamente, desconhecem. Assim, o enunciado (18), por exemplo, faz referência a factos históricos comprovados que, no entanto, podem ser novos para a maioria dos leitores. O obstáculo introduzido aqui pela cláusula com *aunque* é, então, uma situação real e não hipotética.

Todavia, não podemos ignorar que nos exemplos acima citados aparecem também formas do conjuntivo apesar de provirem das mesmas fontes bibliográficas. Seguindo as regras gerais do emprego do conjuntivo, podemos pressupor que este se emprega quando o falante não tem a certeza da veracidade do obstáculo que, supostamente, não foi comprovada por ele ou quando sabe que o obstáculo não se realiza ou não se realizou. Além disso, encontramos o conjuntivo quando o locutor transmite uma informação já conhecida por parte do interlocutor. No caso do exemplo (21) esta informação geralmente conhecida é a crucificação de Cristo. Assim, o objetivo não é informar mas realçar que o obstáculo referido não impediu que a ação fosse realizada. A escolha modal, neste caso, pode depender da avaliação subjectiva dos conhecimentos do interlocutor feita pelo falante.

Para continuar, a análise do exemplo (25) leva-nos à conclusão que o conjuntivo pode utilizar-se para introduzir obstáculos hipotéticos, possíveis que não necessariamente vão aparecer. Assim, não sabemos com certeza se o dito potencial viajante alguma vez teve de viajar em posição fetal. Para contrastar, o indicativo, como já assinalamos, introduz obstáculos reais como no exemplo (26), entre outros. Estes obstáculos reais podem ser apresentados, então, em qualquer tempo verbal do indicativo, incluído o potencial que faz referência aos impedimentos futuros no passado e, por conseguinte, conhecidos por parte do locutor.

Por último, o conjuntivo do exemplo (27) pode ter sido utilizado para introduzir uma informação não relevante para o conteúdo da mensagem, pois *aunque tengan una preferida* pode ser considerado um comentário do locutor. Sendo assim, este não considera que o ouvinte se deva concentrar nesta parte do comunicado. Por conseguinte emprega o conjuntivo, enquanto o indicativo aparece para introduzir informações mais importantes.

Podemos concluir, então, que o papel da atitude mental do locutor no processo de construção de orações concessivas é fundamental. O locutor comprova se o impedimento referido no enunciado é real, faz uma avaliação dos conhecimentos do ouvinte e decide que tipo de informação lhe tem de subministrar ou cria obstáculos possíveis que mesmo que chegassem a aparecer, não impediriam a ação de se realizar.

A análise dos exemplos propostos nos questionários não adiciona novas conclusões ao que já dissemos. Apresentemos aqui algumas diferenças no emprego dos modos onde o conjuntivo é substituído pelo indicativo e vice-versa:

28. *Aunque no **fuera** una obra de Castilla y Aragón, tuvo mucho de europea [...].* (Q1), (Q3)
29. *El Gran Capitán obtuvo así la primera de sus grandes victorias, aunque no **fuera** la última.* (Q1)
30. *El juego de la pelota sigue siendo muy popular, aunque a veces **pueda** llegar a resultar peligroso.* (Q1), (Q2)
31. *Aunque a Louis le **gustaba** llevarlo en persona, aceptó que fuera Mary, la descubridora, quien llevase en sus rodillas al Procónsul en una caja.* (Q1)

Estas mudanças influenciam o significado dos enunciados no que diz respeito à atitude do falante perante a actualidade ou especificidade do obstáculo. Como a avaliação da dita veracidade se faz de uma maneira subjetiva, cada um dos questionados podia interpretar os enunciados à sua maneira porque não lhes foi fornecido o contexto todo. Assim, nos exemplos como o (29) a informação dada na oração subordinada é colocada na posição periférica em relação ao conteúdo da oração principal. A escolha do indicativo faz com que o papel da oração subordinada seja puramente informativo, o que aconteceu precisamente em (Q2) e (Q3). De acordo com esta interpretação completou-se em (Q2) o exemplo (28) no qual se indicam factos históricos.

No nosso corpus observamos que *aunque* pode alternar com outras partículas:

32. *En el Corán, a pesar de que no se **hace** un relato detallado de su vida, sí es nombrado en numerosos versículos.* (MH 4: 78)
33. *Con este difuso armamento los psicoterapeutas se lanzaron a recobrar memorias [...] a pesar de que la evidencia científica sobre la represión de recuerdos **sea** escasa [...].* (MI 290: 66)
34. *En cambio, sí pagan religiosamente sus impuestos, pese a que **están** exentos de la Seguridad Social de los Estados Unidos, pues no aceptan ayuda del gobierno ni en salud ni en alimentación.* (MI 306: 87)
35. *La asignatura pendiente de Brasil es la enorme brecha social entre ricos y pobres, pese a que a veces **vivan** físicamente pegados.* (MI 299: 102)
36. *[...] si bien se **ha logrado** el objetivo de que el mercado estadounidense se mantenga abierto a los productos mexicanos, no ha conseguido un desarrollo equilibrado.* (Vér 189: 51)

O emprego dos modos nos enunciados com a partícula *a pesar de (que)*, como se pode ver, segue as mesmas regras que no caso de *aunque*. A escolha do modo, obviamente, não é condicionada pela presença da partícula concessiva mas pela atitude mental do locutor e pelos factores que enumeramos anteriormente. Vale a pena realçar que nos exemplos encontrados no corpus predomina o modo indicativo, o que pode ser resultado do carácter deste corpus.

Nos questionários utilizaram-se tanto as formas do indicativo como do conjuntivo. Vale a pena citarmos aqui um exemplo que faz referência a um facto conhecido por todos e não fornece nenhuma nova informação. Neste caso estamos perante uma neutralização da oposição entre o conjuntivo e o indicativo.

37. *A pesar de que la muerte es consecuencia inevitable de la vida, no queremos desaparecer y nos molesta que el mundo siga existiendo una vez que nosotros no estemos.* (MI 301: 82)

38. *A pesar de que la muerte sea consecuencia inevitable de la vida, no queremos desaparecer y nos molesta que el mundo siga existiendo una vez que nosotros no estemos.* (Q2)

Um caso especial constitui a conjunção *si bien* que se utiliza sempre com as formas do indicativo fazendo normalmente referência a factos conhecidos. As partículas *pese a que* e *si bien* que são mais frequentes na linguagem culta.

3. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE OUTRAS CONSTRUÇÕES NA LÍNGUA ESPANHOLA

Outra construção interessante encontrada no corpus espanhol é a que segue o esquema *por / con (lo) + substantivo / adjetivo / advérbio + que*:

39. *Junto a ellos se alineaban diestros arqueros y ballesteros capaces de derribar a una distancia de hasta 250 metros a un jinete, por muy bien protegido que ése se encontrara.* (MH 5: 35)

40. *Las rayas fronterizas del saber, por muy lejos que se eleven, tendrán siempre delante un infinito mundo de misterio.* (MI 299: 88)

41. *Se reconciliaron los negocios del Mediterráneo con las utopías del Atlántico; [...] y, por extraño que parezca, el lujo con la devoción.* (MH 5: 6)

Nos exemplos deste tipo, de acordo com as fontes bibliográficas e as opiniões dos falantes nativos, prevalecem as formas do conjuntivo. No entanto, alguns exemplos admitem os dois modos mas cada um deles pressupõe uma interpretação diferente:

42. *Los visigodos [...] por mucho que lo prohibiese El Corán, disfrutaron del vino casi con la misma dedicación que los cristianos viejos.* (MI 292: 106)

43. *Los visigodos [...] por mucho que lo prohibia El Corán, disfrutaron del vino casi con la misma dedicación que los cristianos viejos.* (FN)

A interpretação do exemplo (42) parece ser ambígua entre hipotética e factual. De acordo com a interpretação hipotética, por exemplo, o falante não nos informa se o Alcorão efectivamente proibia desfrutar o vinho. O que o locutor nos quer dizer é que mesmo se o Alcorão tivesse proibido tal coisa, os visigodos não teriam respeitado esta proibição. No exemplo (43), por sua vez, constata-se com toda a certeza que o Alcorão proibia desfrutar o vinho. Estamos aqui mais uma vez sob a influência da atitude mental.

Aos exemplos que acabamos de apresentar acrescentemos ainda algumas orações que, na maioria dos casos, não seguem os modelos acima descritos porque o falante não utiliza aqui nenhuma construções concessivas das mais comuns. Uma análise semântica, porém, revela que o significado delas é puramente concessivo:

44. *¿Qué importa lo que digamos?* (MI 306: 63)

45. *No importa lo rápido que viaje la luz; siempre se encuentra con que la oscuridad ha llegado antes y la está esperando.* (MI 306: 32)

46. *Entonces da igual lo que diga: el cliente se encargará de que las predicciones encajen en su vida.* (MI 292: 53)
47. *Pues sí, pero independientemente de que tengamos la voluntad de cumplir, es un asunto de importancia estratégica para nosotros en la contracción de este nuevo paradigma cultural.* (P 1465: 76)
48. [...] *es interesante la propuesta que maneja Green Day en este nuevo material, al criticar la situación social y protestar contra gobiernos como el de Bush, que buscan un control del poder económico sin importar a quién perjudiquen.* (Vér 189: 89)
49. *Al final, el aullido de dolor del moribundo es la única nota, así sea agónica, de humanidad.* (P 1465: 10)
50. *La frágil salud del único varón, Juan, fue una constante preocupación para uno y otro, que allá donde estuvieran siempre querían saber de él.* (MH 5: 31)

Cada uma destas orações pode ser substituída por uma das construções anteriormente descritas, por exemplo:

51. *Digamos lo que digamos, no importa.* (FN)
52. *Al final, el aullido de dolor del moribundo es la única nota, aunque sea agónica, de humanidad.* (FN)

A interpretação destes exemplos não revela informações novas. A substituição do conjuntivo pelo indicativo nos questionários provoca as típicas mudanças semânticas:

53. *Pues sí, pero independientemente de que tenemos la voluntad de cumplir, es un asunto de importancia estratégica para nosotros en la contracción de este nuevo paradigma cultural.* (Q3)
54. *La frágil salud del único varón, Juan, fue una constante preocupación para uno y otro, que allá donde estaban siempre querían saber de él.* (Q1)

Assim, por exemplo, o emprego do imperfeito do indicativo em (54) muda o sentido da frase, sendo a ação de *estar* uma ação habitual.

4. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE CONSTRUÇÕES REDUPLICATIVAS E DISJUNTIVAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Começaremos a nossa análise dos exemplos da língua portuguesa também pelas construções reduplicativas:

55. [...] «*aproveitaram os mais pequenos pretextos para tentarem atingir os seus fins, fosse como fosse.*» (V 561: 51)
56. *Fique por dentro dos acontecimentos, esteja onde estiver.* (V 561: 145)
57. *Seja como for, Frasilho não tem dúvidas de que o PEC terá de ser «redesenhado».* (V 561: 150)
58. *Avizinham-se as eleições e, ganhe quem ganhar, terá de se haver com a fúria dos Ijaw, os guerrilheiros do petróleo.* (V 735: 100)
59. *Admiro a capacidade que tem de retratar o quotidiano da nossa gente, tenha o “statu” que tiver.* (V 737: 18)
60. *Perante uma situação grave há sempre uma dúvida que martiriza o doente, seja ele político ou não [...].* (V 709: 48)

61. *O manifesto tem este mérito – desencadear um debate importante, mas tardio, sobre o nosso destino colectivo. Que tem, **queiram ou não**, um nome – Portugal.* (V 505: 140)
62. *Seja dia ou noite, as ruas estão cheias de gente [...].* (V 737: 98)
63. *Chamem-lhe sorte ou destino, mas a verdade é que por vezes os caminhos certos surgem de forma surpreendente.* (V 709: 90)

A característica mais importante dos exemplos supracitados é o uso exclusivo das formas do conjuntivo. A escolha destas é condicionada pela referência temporal estabelecida pelo falante. Assim, o imperfeito do conjuntivo, regra geral, emprega-se em relação ao passado, como no exemplo (55) e o presente do conjuntivo em relação ao presente e ao futuro, como nos casos (57) ou (59). Paralelamente, o falante pretende colocar os possíveis obstáculos em posição periférica em relação à informação principal que se transmite. Como os primeiros não exercem nenhuma influência na realização da ação principal, o falante não os considera relevantes para o conteúdo do enunciado. Além disso, outro factor que justifica o emprego do conjuntivo é o carácter hipotético, não específico e pouco concreto dos ditos obstáculos. No exemplo (55) não se especificam as maneiras de eles atingirem os seus fins pois esta informação não é importante para toda a mensagem. O que interessa é o facto de *tentarem atingir os seus fins*, independentemente das maneiras de o fazerem. No entanto, consideramos adequado acrescentar também o critério sintático, já que as nossas construções reduplicativas seguem sempre o mesmo modelo formal.

Nos nossos questionários, como era de prever, não encontramos nenhum caso em que se utilizasse o indicativo. A única diferença concerne às referências temporais do exemplo (55):

64. [...] «*aproveitaram os mais pequenos pretextos para tentarem atingir os seus fins, **seja como for.***» (Q4), (Q5), (Q6)

É curioso todos os questionados terem utilizado no caso (64) uma construção que, teoricamente, faz referência ao presente ou ao futuro. Opinamos, no entanto, que a razão pode ser o carácter fixo da expressão *seja como for* que, efectivamente, se emprega na língua moderna para todas as referências temporais mas cujo significado neste caso não necessariamente corresponde ao significado de *fosse como fosse*.

Outro tipo de construções é baseado no fenómeno de disjunção e representado pelos exemplos (60) e (61) onde o verbo repetido aparece negado. Facilmente se nota que nestes exemplos a forma verbal repetida permanece implícita no enunciado. Assim, o enunciado (61), por exemplo, é equivalente a:

65. *O manifesto tem este mérito – desencadear um debate importante, mas tardio, sobre o nosso destino colectivo. Que tem, **queiram ou não queiram**, um nome – Portugal.* (FN)

A ideia principal permanece aqui inalterada, ou seja, o facto de *querer* ou *não querer* não impossibilita que *o nosso destino colectivo tenha um nome – Portugal*. O falante exclui assim situações hipotéticas de *querer* e *não querer* que, mesmo que se realizassem, não fariam com que o dito nome do destino colectivo mudasse.

No grupo das disjunções que acabamos de referir decidimos incluir também construções nas quais o dito fenómeno concerne ao sujeito ou os complementos da subordinada. Assim, nos exemplos (62) e (63) o verbo implícito permanece igual, do mesmo

modo que a ideia geral em frases deste tipo. O emprego do conjuntivo, então, introduz as características anteriormente referidas.

Para que a nossa análise das orações concessivas fique completa, incluamos aqui ainda construções formalmente distintas mas com as ideias principais inalteradas:

66. *Quer a gente goste quer não, eles estão em Inglaterra.* (V 727: 22)
67. *Uma das regras que temos frisa que a melhor ideia é que entra no filme, **independentemente de quem a tenha tido.*** (V 561: 170)
68. *Em São Francisco uma pessoa sente-se livre, **quer seja amarelo, cinzento, alto, baixo ou feio.*** (V 709: 126)
69. *Nesse momento, o desespero [...] já será demasiado grande para se darem ao luxo de recusarem **o que quer que seja. Ou onde quer que seja.*** (V 600: 77)
70. *Os EUA serão sempre vistos com desconfiança e hostilidade, **não importa o que façam.*** (V 534: 16)
71. ***Qualquer que seja o seu caso, venha falar connosco.*** (V 490: 14)

Importa mencionarmos que cada uma das orações acabadas de enumerar tem o seu equivalente reduplicativo. Citemos alguns:

72. *Nesse momento, o desespero [...] já será demasiado grande para se darem ao luxo de recusarem **seja o que for. Ou seja onde for.*** (FN)
73. *“Os EUA serão sempre vistos com desconfiança e hostilidade, **façam o que fizerem.**”* (FN)
74. ***Seja qual for o seu caso, venha falar connosco.*** (FN)

Comparando os exemplos supracitados com os questionários, encontramos apenas uma diferença que pode ser interpretada como resultado de outras referências temporais:

75. *Nesse momento, o desespero [...] já será demasiado grande para se darem ao luxo de recusarem **o que quer que seja. Ou onde quer que fosse.*** (Q4), (Q5)

Como se pode verificar, nas orações reduplicativas e disjuntivas aparece exclusivamente o conjuntivo porque o locutor pretende mencionar obstáculos inventados ou possíveis que, como já sabemos, não se expressam no indicativo. Este facto foi confirmado nos nossos questionários onde não se utilizou nenhuma forma do indicativo. Estamos aqui mais uma vez perante elementos inconcretos, supostos e pouco específicos pertencentes à modalidade epistémica. Além disso, as construções conjuntivas são regidas por regras sintáticas.

5. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE CONJUNTOS PARTÍCULA CONCESSIVA + CONJUNTIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Passando a outros meios de expressão de concessão, analisemos as construções com partículas concessivas. Estas apresentam uma grande diversidade mas, obviamente, todas têm uma característica em comum – exprimem um obstáculo que não impede o cumprimento da ação principal. Vejamos a escolha modal nos seguintes exemplos:

76. *Mesmo que à direita exista* “um processo de fusão”, o PS “deve apostar em ganhar a confiança da maioria das pessoas”. (V 561: 46)
77. *Quase todos os homens foram monges nem que seja* por quinze dias. (V 561: 83)
78. [...] *nunca perderá a cabeça por uma aventura passageira. Nem que ela dure* até ao resto da sua vida... (V 600: 74)
79. *Insiste que não sabia da festa, apesar de «Barbara lhe ter falado* nisso todos os dias da semana passada.» (V 561: 114)
80. *Embora as Nações Unidas não possam* entrar à força no Darfur, a NATO pode. (V 709: 178)
81. *Fisher diz que o seu cliente não irá procurar um acordo, ainda que os documentos a que a “Time” teve acesso indiquem* que pode implicar figuras importantes no Afeganistão. (V 729: 63)
82. *Porém, ainda que a leitura política fosse* consensual, a última palavra seria sempre do Presidente da República. (V 726: 70)

Como se pode ver, em nenhum dos casos aparece o indicativo. Seja qual for a partícula empregue para introduzir obstáculos, é sempre procedida pelas formas do conjuntivo ou do infinitivo pessoal, como em (79). Paralelamente, é importante assinalarmos que estes obstáculos podem ser reais e concretos, como nos exemplos (77) ou (81), ou supostos e hipotéticos, como em (78). Por conseguinte, não podemos empregar aqui o critério habitual de o falante ter a certeza da veracidade do obstáculo ou de saber se este se realiza ou não. Assim, podemos concluir que o emprego do conjuntivo nas orações analisadas é resultado da posição periférica dos obstáculos na mensagem por estes não exercerem influência no processo de realização da ação principal mas também as mesmas formas, dependendo da interpretação, podem empregar-se com valor informativo, como em (81). Além disso, notamos aqui certos condicionamentos sintáticos já que todas as partículas mencionadas foram seguidas pelas formas do conjuntivo.²

A análise dos exemplos propostos nos questionários não adiciona novas conclusões:

83. *Quase todos os homens foram monges nem que fosse* por quinze dias. (Q4), (Q5), (Q6)
84. [...] *nunca perderá a cabeça por uma aventura passageira. Nem que ela durar / durasse* até ao resto da sua vida... (Q6)
85. *Fisher diz que o seu cliente não irá procurar um acordo, ainda que os documentos a que a “Time” teve acesso indicassem* que pudesse implicar figuras importantes no Afeganistão. (Q6)

De acordo com a nossa interpretação das mudanças introduzidas pelos questionados, o imperfeito do conjuntivo nos exemplos citados pode introduzir traços hipotéticos, tornando-se o obstáculo pura suposição, mas pode também introduzir traços factuais.³ Notamos aqui, assim, uma ligeira influência da atitude mental do falante.

² Cf. Almeida Vieira dos Santos M.J. de (2003), *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa*, Lisboa: FCG e FCT, p. 183: “A alternância entre «indicativo» e «conjuntivo» com ainda que terá sido indiferente numa dada altura da história da língua, mas o uso com «indicativo» é hoje sistematicamente corrigido, não surgindo nas gramáticas mais recentes. Trata-se de uma evolução que, contrariamente ao que seria de esperar, vai no sentido do «conjuntivo» [...] ainda que a concessão não seja simplesmente imaginada e sim real.”

³ Cf. Mira Mateus M. H. [et al.], op.cit., p. 718.

6. EXPRESSÃO DE CONCESSÃO POR MEIO DE OUTRAS CONSTRUÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA

O último grupo de orações que citaremos é constituído pelas construções que seguem o esquema *por + substantivo / adjetivo / advérbio + que* e *por muito / mais + que*:

86. *Por incrível que **pareça**, eles conseguem ser felizes [...].* (V 561: 104)
87. *Responde a todas as perguntas, por mais absurdas e desinformadas que **possam** ser [...].* (V 709: 166)
88. *Uma pessoa normal, por mais que **treine**, nunca conseguirá correr à velocidade de Obikwelu.* (V 599: 77)
89. *Por mais que nos **queiram** impingir um país europeu, com justiça igual para todos, a prática prova o contrário.* (V 726: 10)
90. *Por muitos estudos científicos que **se realizem**, talvez nunca se chegue a uma conclusão definitiva.* (V 726: 64)

Facilmente se comprova a ausência de formas do indicativo neste tipo de orações e nos questionários. O falante não nos fornece nenhuma informação concreta, ou seja, no exemplo (90) não se concretiza o número dos ditos estudos científicos por se considerar esta informação irrelevante, pois não importa quantos estudos se realizem, a realidade descrita na oração principal permanecerá inalterada. Assim, a posição periférica da subordinada, a falta de concretismo e de especificidade, o seu valor não informativo e a impossibilidade de influenciar no conteúdo da subordinante justificam o emprego das formas do conjuntivo.

Aos exemplos que acabamos de apresentar acrescentemos ainda uma oração que nos parece interessante do ponto de vista formal:

91. *Não seria possível falar tanto na saudade que um e outro se causam se se tivessem cruzado uma vez que **fosse**.* (V 561: 90)

Opinamos ser válida a seguinte interpretação deste exemplo:

92. *Não seria possível falar tanto na saudade que um e outro se causam se se tivessem cruzado mesmo que **fosse** uma vez.* (FN)

Aqui, o obstáculo que não impede a realização da ação de *não ser possível falar tanto na saudade* é mais visível e a oração permite uma interpretação contrafactual.⁴

7. CONCLUSÕES

Recapitulando, a expressão de concessão na língua espanhola está estritamente relacionada com o critério da atitude do locutor e com outros factores como a função informativa da oração, a avaliação dos conhecimentos do ouvinte, etc. Duma maneira geral, então, *la oración concesiva va en indicativo, cuando expresa un hecho que, si no determina o impide la realización de la principal, conserva frente a ella toda su realidad; va, en cambio, en subjuntivo cuando, dándose por conocida la objeción, ésta se*

⁴ *Idem*, pp. 719–720.

desecha por ineficaz.⁵ Todavia, as construções reduplicativas podem constituir uma exceção por obedecerem, normalmente, a certas regras de composição. Nós, todavia, adicionaríamos aqui que o obstáculo expresso no indicativo, embora colocado na posição remática, também é apresentado como ineficaz quanto ao impedimento da realização da ação principal.

A expressão de concessão na língua portuguesa está estritamente relacionada com o emprego das formas do conjuntivo, já que não registamos nenhum caso do uso do indicativo. A alternância modal não desempenha aqui papel significativo e o conjuntivo aparece tanto na concessão possível, como impossível de ser realizada. A escolha do modo está sujeita a regras sintáticas não privadas, no entanto, de certas influências da atitude mental do falante que pode escolher entre as formas do conjuntivo para obter valores modais pretendidos.⁶

Todas as analogias e diferenças observadas se podem resumir de maneira seguinte:

	Espanhol	Português
Expressão da modalidade epistémica (definida também como modalidade orientada ao locutor, está relacionada com as noções de veracidade e crença)	+	+
Expressão da modalidade deontica (orientada para o ouvinte, reenvia o enunciado para o universo de actos ilocutórios directivos, isto é, dos actos pelos quais um falante exerce uma qualquer acção, directa ou indirecta sobre o seu interlocutor)	-	-
Tipo de modalidade oracional	Declarativa	Declarativa
Influência das regras sintáticas na escolha modal ⁷	-	+
Influência da semântica e da atitude do locutor na escolha modal	+	+
Resultados da alternância modal nos questionários	Origina mudanças significativas	Não se observaram casos de alternância modal

⁵ C.Vallejo citado por Veiga A. (1991), "Condicionales, concesivas y modo verbal en español" in: *Verba, anuario galego de filoloxía*, anexo 34, Santiago de Compostela, p. 296.

⁶ Cf. Almeida Vieira dos Santos M. J. de, op.cit., p. 180. A autora constata que a alternância modal em todas as orações subordinadas adverbiais não é tão facultativa como nas substantivas. Daí que, alguns autores, como C. Cunha e L. Cintra, afirmem que, "neste contexto, o conjuntivo não tem valor próprio, sendo um mero instrumento sintático cujo emprego se conforma ao aparecimento das conjunções".

⁷ Podemos incluir o critério sintático para explicar o emprego das formas do conjuntivo nas construções reduplicativas e disjuntivas. No entanto, o critério da atitude mental também é válido.

Seguem-se os traços introduzidos por cada um dos modos:

	Espanhol		Português	
	Indicativo	Conjuntivo	Indicativo	Conjuntivo
Obstáculo que não impede a realização da ação principal	+	+	Não se registou nenhum caso do emprego do indicativo	+
Obstáculo real, atual, específico, conhecido, etc.	+	+		+
Obstáculo inventado, hipotético, possível, pouco concreto, etc.	-	+		+
Obstáculo sobre a realização do qual não se informa	-	+		+
Função informativa do obstáculo	+	-		+
Obstáculo pouco relevante, posição periférica	-	+		+

Vale a pena realçarmos aqui as divergências que dizem respeito às partículas concessivas *aunque / embora*. No espanhol, na maioria dos casos, com as partículas concessivas como *aunque, a pesar de que*, etc. emprega-se o conjuntivo quando se dá uma informação pressuposta, conhecida por parte do interlocutor e o indicativo quando a informação é nova. Em português, por sua vez, com as partículas equivalentes a *aunque (embora, ainda que*, etc.) utiliza-se o conjuntivo mesmo quando a informação é nova. No caso da partícula concessiva *aunque*, o indicativo representa também ações consideradas como reais ou de cumprimento efetivo enquanto o conjuntivo reflete cumprimento possível ou ignorado. Dentro do próprio modo conjuntivo observamos diferenças modais, sendo o obstáculo improvável de se realizar expresso, por exemplo, por meio das formas do pretérito mais-que-perfeito deste modo.

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA

- ALMEIDA VIEIRA DOS SANTOS Maria Joana de, 2003, *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa*, Lisboa: FCG e FCT.
- BOSQUE Ignacio (ed.), 1990, *Indicativo y subjuntivo*, Madrid: Taurus Universitaria.
- BOSQUE Ignacio, DEMONTE Violeta, 1999, *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid: Espasa.
- COSTA CAMPOS Maria Henriqueta, 1997, *Tempo, Aspecto e Modalidade, Estudos de Linguística Portuguesa*, Lisboa: Porto Editora.
- DUARTE Cristina Aparecida, 2005, *Diferencias de usos gramaticales entre español / portugués*, Madrid: Edinumen.
- FONSECA Fernanda Irene, 1970, *Para o estudo dos valores do conjuntivo em português moderno*, Coimbra: FLUC.
- HERCULANO DE CARVALHO José, SSCHMIDT-RADEFELDT Jürgen, 1984, *Estudos de linguística portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora.
- HERNÁNDEZ ALONSO César, 1996, *Gramática funcional del español*, Madrid: Gredos.
- MANTECA ALONSO-CORTÉS Ángel, 1981, *Gramática del subjuntivo*, Madrid: Cátedra.

- MIRA MATEUS Maria Helena [et.al.], 2006, *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho.
MOLHO Mauricio, 1975, *Sistemática del verbo español*, Madrid: Gredos.
LUQUET Gilles, 2004, *La teoría de los modos en la descripción del verbo español*, Madrid: Arco/Libros.
PORTO DAPENA José Álvaro, 1991, *Del indicativo al subjuntivo*, Madrid: Arco/Libros, S.A.
VEIGA Alexandre, 1991, Condicionales, concesivas y modo verbal en español, *Verba, anuario galego de filoloxía*, anexo 34, Santiago de Compostela.

ABREVIATURAS UTILIZADAS NAS CITAÇÕES

FN – *Falante Nativo*; MI – *Muy Interesante*; MH – *Muy Historia*; P – *Proceso*; Q – *Questionário*; V – *Visão*; VÉR – *Vértigo*

Summary

Expression of Concession in Spanish and Portuguese Languages through Subjunctive Forms
– Contrastive Study

The principal purpose of the essay is to propose a model of analysis of the modal alternation and the role of the indicative and subjunctive forms in the expression of concession in Spanish and Portuguese. The analysis is made separately for the two languages following analogical schemes. The examples are divided ex. according to the structure of the inseparable groups of a modal significance. The article includes semantic, syntactic and pragmatic criteria of analysis by emphasizing the role of the mental attitude of the speaker and the modal coherence.

Streszczenie

Wyrażanie prawdopodobieństwa w językach hiszpańskim i portugalskim za pomocą form trybu *subjuntivo/conjuntivo* – studium kontrastywne

Celem pracy jest zaproponowanie modelu analizy roli procesu wymiany modalnej form trybów *indicativo* i *conjuntivo/subjuntivo* w wyrażaniu przyzwolenia w języku hiszpańskim i portugalskim. Analiza jest przeprowadzona według tego samego schematu, osobno dla obu języków. Przykłady zostały pogrupowane np. zgodnie ze strukturą nierozdzielnych członów o znaczeniu modalnym. W celu przeprowadzenia analizy wykorzystuje się kryteria semantyczne, syntaktyczne i pragmatyczne, a mianowicie podkreśla się rolę stosunku mówiącego do treści wypowiedzi oraz koherencji modalnej.